



Palmeira, André e Fagundes: filme sobre Villa Lobos teve acréscimo de 7%

REAL ENFRAQUECIDO ABALA O CINEMA

Klecio Henrique
Da equipe do **Correio**

O cineasta José Eduardo Belmonte programou as filmagens do curta-metragem *Tepê* para janeiro porque teria, teoricamente, menos custos. Teria não tivesse sido surpreendido com a desvalorização do real e o conseqüente reajuste do dólar, moeda na qual quase todas transações são feitas no mercado cinematográfico.

“Em janeiro, seria mais fácil para a gente porque é um mês que se filma pouco. Então, como a oferta de profissionais e equipamentos é maior, os custos seriam mais baixos. Com a subida do dólar, tivemos que reinventar o orçamento, que acabou estourando”, explica André Luís Cunha, produtor-executivo de *Tepê*, que será rodado em Brasília a partir de amanhã.

Com as medidas do Banco Cen-

tral, o diretor José Eduardo Belmonte e o produtor André Luís Cunha tiveram que adaptar as filmagens à nova realidade. Isso depois de já terem reduzido o orçamento do curta-metragem de R\$ 80 mil para R\$ 36 mil e contratado equipamentos do Chile. Só na compra de negativo (película importada), foram gastos R\$ 1 mil além do programado (R\$ 4 mil). Pelos cálculos de Belmonte, *Tepê* deve sair pelo menos 30% mais caro.

“Ou seja, para concluir, vamos precisar de pelos menos mais R\$ 10 mil”, explica André Luís Cunha. Para que as filmagens não fossem comprometidas, produtor e diretor renegociaram cachês e contratos com atores, fornecedores e técnicos e ainda buscaram de última hora patrocínio para coisas que seriam cobertas pelo orçamento, como a alimentação da equipe. Com as filmagens garantidas, Belmonte deve voltar à *via-crucis* da captação de

recursos para finalizar *Tepê*.

Mais adiantado que o curta brasileiro, *Villa Lobos — Uma Vida de Paixão*, o retorno do veterano diretor Zelito Viana às telas após treze anos de ausência, também foi atingido diretamente pela crise econômica agravada na semana passada. A biografia do maestro Villa Lobos teria todo o som feito nos Estados Unidos. A nova ordem financeira levou Zelito a mudar de idéia.

MIXAGEM

“Só vou fazer nos Estados Unidos o que não der para fazer no Brasil, como a mixagem em *double digital*, que não pode ser dispensada num filme sobre a vida e música de Villa Lobos. O ruído de sala (som de passos, por exemplo) que seria feito fora, será feito no Brasil mesmo”, conta Viana, que estima um aumento de custo de finalização em torno de 30%.

No orçamento final de *Villa Lobos*

— *Uma Vida de Paixão* (R\$ 6 milhões), a crise correspondeu, segundo o cineasta, a um acréscimo de 7%. Experiente, ele vê pelo menos um lado positivo na desvalorização do real: o da valorização da indústria brasileira. “Só se vai para o exterior no último caso. A indústria nacional acaba fortalecida”, argumenta o diretor, que pretende estar com a primeira cópia de *Villa Lobos...* em abril. Participam do filme os atores da qualidade de Marcos Palmeira, André Ricardo e Antônio Fagundes.

“Não podemos esquecer que se o real foi desvalorizado em 20%, o que nós já havíamos investido em dólar no passado, também foi valorizado na mesma proporção. Isso reduz um pouco os efeitos da desvalorização”, lembra Zelito Viana. “Todos cineastas brasileiros são especialistas em crise e parece que quanto mais crise, melhor o cinema brasileiro fica”, brinca o cineasta.